

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

CURSO: PSICOPEDAGOGIA

INCLUSÃO DIGITAL

MARGARIDA JOSE DE CAMARGO ROSA

Prof.^a IVANA

ANÁPOLIS 2009

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

CURSO: PSICOPEDAGOGIA

INCLUSÃO DIGITAL

Margarida Jose De Camargo Rosa

Prof.^a Ivana

Monografia apresentada no programa de pós-graduação faculdade Católica de Anápolis GO como requisito parcial para a obtenção do título de pós-graduação em Psicopedagogia.

Anápolis – GO 2009

DEDICATÓRIA

A meu esposo Lourenço
pelo apoio e incentivo
constante e meus dois filhos
Matheus e Sara.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, ser maior da vida, que me dá força todos os dias, para conseguir alcançar as minhas metas na vida de forma mais eficiente possível.

Toda a minha família em especial a minha mãe Januária Costa Camargo. Em memória Roque José de Camargo.

A Faculdade Católica de Anápolis Goiás.

A coordenadora Marisa Rovenda.

A orientadora Ivana pelo acompanhamento pontual e competente. Aos demais professores e colegas do curso Psicopedagogia.

A todos que me ajudarem direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa.

“A maior felicidade que podemos ter na vida é a certeza de sermos amado, apesar de sermos como somos”

Marta Suplicy

EPÍGRAFE

Uma descoberta, seja feita por um menino na escola ou um cientista trabalhando na fronteira do conhecimento, é, em sua essência, uma questão de reorganizar ou transformar evidência, de tal forma que se possais além delas assim reorganizadas rumo a novas percepções.

Jerone Bruner

RESUMO

A inclusão digital tornou-se um dos grandes desafios da humanidade, vivendo num mundo totalmente globalizado, e o acesso as informações esta se tornando cada vez mais difíceis. O Brasil é uma nação que tem por extensão quase o tamanho de um continente, marcado por vários contrastes profundo e muita diversidade. Dentro destes contextos tecnológicos. Um dos maiores desafios identificado até então no século XXI que influenciam diretamente ou indiretamente a sociedade é a inclusão digital. Esta sociedade e conhecida como sociedade de conhecimento. Sociedade que contribui na formação de competência de produtividade e na competição global e caracteriza como principio básico para o desenvolvimento de inversões e inovações geração de renda. As tecnologias da informação e comunicação são constituídas por recursos tecnológicos. Nos últimas décadas a população brasileira se depara com transformações da tecnologia, pois, atualmente 20% da população brasileira têm acesso à internet, considera se que a partir deste porcentual o acesso a tecnologia não contempla toda a sociedade brasileira. Torna se necessário criar estratégia que propiciem o acesso de forma universal, promover democraticamente a inclusão digital e a capacitação de profissionais para ensinar de acordo com as necessidades dos indivíduos.

Palavras chaves: Inclusão Digital. Novas Tecnologias. Ensino-Aprendizagem.

ABSTRACT

The digital inclusion became one of the humanity's great challenges, totally living in a world global, and the access the information this if turning more and more difficult. Brazil is a nation that almost has for extension the size of a continent, marked by deep several contrasts and a lot of diversity. Inside of these technological contexts. One of the largest challenges identified until then in the century XXI that influence directly or indirectly the society is the digital inclusion. This society and known as knowledge society. Society that contributes in the formation of productivity competence and in the global competition and it characterizes as I begin basic for the development of investments and innovations generation of income. The technologies of the information and communication are constituted by technological resources. In the last decades the Brazilian population comes across transformations of the technology. Now 20% of the Brazilian population have access to the internet, he/she is considered that starting from this percentile the access the technology doesn't contemplate the whole Brazilian society. He/she becomes necessary to create strategy that you/they propitiate the access in an universal way, to promote democratic the digital inclusion and the professionals' training to teach in agreement with the individuals' needs.

Key- words: Digital Inclusion. Technologies New. Learningo-teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I - O PROCESSO HISTÓRICO DA EVOLUÇÃO INDUSTRIAL E TECNOLÓGICA.....	9
1.1. A Revolução Industrial.....	10
1.2. A Revolução Tecnológica.....	15
CAPÍTULO II- A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DIGITAL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	17
2.1. As Novas Tecnologias Educacionais	18
CAPÍTULO III- A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DIGITAL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.;.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

INTRODUÇÃO

O acesso as tecnologias está relacionado com os direitos básicos da liberdade de expressão. E por esse motivo que se torna necessidade que estas ferramentas contribuam ao desenvolvimento social, cultural e intelectual.

O primeiro capítulo consiste na descrição da revolução industrial e tecnológica ao longo da humanidade. No qual se enfatiza as vantagens e as desvantagens que mesma trouxe para a humanidade.

O segundo capítulo ressalta a importância da inclusão Digital no processo ensino-aprendizagem, as necessidades de uma organização no âmbito escolar e desafios para a construção de projeto que visa a busca de recurso junto ao órgão governamentais ou não governamentais para a melhoria do processo ensino aprendizagem na área tecnologia e na Inclusão digital.

O terceiro capítulo destaca as posturas das políticas públicas relativas à inclusão digital.

CAPÍTULO I

O PROCESSO HISTÓRICO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E TECNOLÓGICA

Nem sempre os indivíduos se dão conta de que se encontram em meio a uma acelera e dinâmica revolução microeletrônica e tecnológica, apesar de estarem rodeados pelas suas mais diversas manifestações, a começar pelos pequenos objetos do uso cotidiano, como, por exemplo: relógios de quartzo, calculadora de bolso, calendário, televisões das mais diversos modelos e utensílios domésticos como: geladeiras, ferro elétrico, máquinas de lavar roupas e louças, etc.

Além destes aparelhos pode-se contar com inúmeros crescentes de outros, como computadores, robôs, vôos espaciais e entre outros iniciados, a partir do século XVIII, com a Revolução Industrial que designava um processo de transformações econômicas e sociais, que se iniciadas, principalmente, na Inglaterra. Caracteriza-se, pois, pela passagem da manufatura a indústria mecânica. A introdução de máquinas fabril multiplica o rendimento do trabalho e aumenta a produção global.

Segundo Antunes (1995, p. 13) pode-se distinguir três períodos no processo de industrialização em escala mundial:

De 1760 a 1850 , a Revolução se restringe à Inglaterra, a "oficina do mundo". Preponderam a produção de bens de consumo, especialmente têxteis, e a energia a vapor. No período de 1850 a 1900, a Revolução espalha-se por Europa, América e Ásia: Bélgica, França, Alemanha, Estados Unidos, Itália, Japão, Rússia. Cresce a concorrência, a indústria de bens de produção se desenvolve, as ferrovias se expandem; surgem novas formas de energia, como a hidrelétrica e a derivada do petróleo. O transporte também se revoluciona, com a invenção da locomotiva e do barco a vapor. Do ano de 1900 até os dias atuais surgem conglomerados industriais e multinacionais. A produção se automatiza; surge a produção em série; e explode a sociedade de consumo de massas, com a expansão dos meios de comunicação. Avançam a indústria química e eletrônica, a engenharia genética, a robótica.

Nesse sentido, o acúmulo de capital era o principal fato capaz de financiar o progresso técnico e alto custo da instalação de indústrias e, com a mecanização dos trabalhos indústrias a velha Europa agrária foi se tornando uma região com cidades populosa e industrializada, que influenciou profundamente a vida de milhares de pessoas em todas as regiões do planeta.

Assim, o trabalho mecanizado era visto com bons olhos por parte da população, pois achariam que o aumentaria a produção e com isso diminuiria a miséria no mundo.

Com o advento das máquinas e a falta de mão-de-obra especializada, gradativamente, a população rural migrou para a cidade em busca de melhores condições de vida e trabalho, mas sem técnicas para operarem as máquinas acabaram ficando sem empregos e as cidades tinham um crescimento desordenados.

Segundo Eslephenson: “A locomotiva a vapor será a revolução dos transportes no mundo”. Houve, também, uma grande revolução nos transportes foram construídas as primeiras estradas de ferro por George Estephenson e, com o aumento da produção industrial, a burguesia Inglesa passou a se preocupar, cada vez mais, com a abertura de novos mercados visando o aumento do lucro e, conseqüentemente, o acúmulo do capital.

1.1. A Revolução Industrial

A Primeira Revolução Industrial consistiu na substituição das ferramentas pelas máquinas, da energia humana pela energia motriz e do modo de produção doméstico pelo sistema fabril, causando grande impacto na estrutura da sociedade, por meio de um processo de transformação acompanhado por notável evolução tecnológica.

Essa Revolução aconteceu na Inglaterra na segunda metade do século XVIII e encerrou a transição entre o sistema feudal e o sistema capitalista representada pela fase de acumulação primitiva de capitais e de preponderância do capital mercantil sobre a produção, como também completou o movimento da revolução burguesa iniciada na Inglaterra no século XVII.

Dessa forma, a Primeira Revolução conduziu à criação de duas novas classes sociais - empresários e proletariados. Os empresários (capitalistas) donos dos capitais, prédios, máquinas, matérias-prima e bens produzidos pelo trabalho. E o proletariado ou trabalhadores assalariados, possuindo força de trabalho que era vendida aos empresários para produzir mercadorias em troca de salários.

Nesse período surgem então, vários movimentos operários que e revolta com as péssimas condições de trabalho, surgindo manifestações e depredações das

máquinas e das instalações fabris. Assim, surgiram os movimentos como Luditas) ou Quebradores de Máquinas. Muitas vezes colocavam fogo nos galpões que os abrigavam, surgia então, a lei inglesa que punia os Luditas e, Lorde Berom, (Apud Huberman, 1974, p. 188) afirma que:

Embora devamos admitir que esse mal existiu em proporções alarmantes, não podemos negar que surgiu em circunstância provocadas pela miséria sem paralelas. A perseverança dessas misérias em sua atitudes mostra que apenas a carência absoluta poderia ter levado um grupo de pessoas, antes honestas e industriosas, a cometer excessos tais prejudiciais a si e sua famílias e a comunidade.

A miséria entre os Luditas obrigava os mesmos a se manifestarem de forma desonesta, pois, não havia um grupo bem organizado que pudesse planejar movimento que favorecessem o mesmo acabava manifestando de forma desumana.

Mas, as mudanças sociais e econômicas, por meio da Revolução Industrial provocaram uma grande transformação no sistema produtivo, pois, foi transferido para as máquinas, o controle dos artesões sobre a produção e nas relações de trabalho transformou em mercadoria e impôs contato entre patrões e empregados.

É possível, pois, afirmar que as Revoluções Industriais foram responsáveis por inúmeras mudanças que podem ser avaliadas, tanto por suas características positivas como negativas, mas, alguns dos avanços tecnológicos trazidos por essas experiências proporcionaram um maior conforto à nossa vida. Por outro lado, a questão ambiental, principalmente no que se refere ao aquecimento global que traz à tona a necessidade de repensar o modo de vida dos indivíduos e a sua relação com a natureza.

Dessa forma, não é possível fixar o modo de vida urbana e integrado à demanda do mundo industrial, como uma maneira, um traço imutável de nossa vida cotidiana.

Com o desenvolvimento amplo da atividade industrial em diversas partes do mundo, os donos dos meios de produção - capitalista e/ou empresário e capitais começaram a direcionar recursos financeiros para o desenvolvimento e criação de novas tecnologias como procedimentos produtivos, máquinas, equipamentos entre outros, objetivando dinamizar e acelerar a produtividade e, conseqüentemente, os lucros.

A Revolução Industrial enfocou a produção no seguimento de indústrias de grande porte, como: siderúrgicas, metalúrgicas, petroquímicas, automobilísticas,

transporte ferroviário e naval. Dessa forma, essa etapa da indústria mundial produziu modificações profundas no contexto do espaço geográfico no qual foi desenvolvida.

Grande parte dos avanços tecnológicos foi derivada de pesquisas científicas realizadas, com vista ao aperfeiçoamento das indústrias que se realiza, de forma contínua, haja vista que busca, constantemente, novos materiais, novas tecnologias e novos métodos de produção e/ou industrialização, visando a ampliação dos lucros.

De acordo com Furtado (2003), o período que marcou, de forma intensa, os avanços tecnológicos foi entre o final do século XIX até meados do século XX, quando o mundo vivenciou uma série de avanços na tecnologia, medicina entre outros e:

Os fatos de maior destaque, assim com na Segunda Revolução Industrial, foi em relação a inventos e descobertas, dessa vez o que impulsionou foi, sem dúvida, o petróleo, o motor a combustão, utilização do aço e o uso da força das águas na geração de energia elétrica, com a criação das usinas hidrelétricas. (FURTADO, 2003, p.27).

Assim, a nova dinâmica de crescimento industrial foi realizada, por meio de uma integração vertical, através de processos de fusões e incorporações, que modificam profundamente a estrutura empresarial em todos os setores em que havia a possibilidade técnica de exploração de ganhos de escala, possibilitando o surgimento de grandes empresas, integradas verticalmente, em suas cadeias produtivas e operando nos grandes mercados.

Entretanto, para que o processo seja eficiente é preciso um maior número de pessoas formadas para atividades diversas, qual seja, havia a necessidade de uma melhor profissionalização na gestão empresarial para assegurar, além do sistema de produção eficiente, aumentar as compras, distribuição e marketing.

Assim, a verticalização exigia uma estrutura complexa, em termos administrativos que se constitui o marco principal da segunda revolução industrial, através da empresa de sociedade anônima, gerenciada por uma estrutura hierárquica de administradores profissionais assalariados.

Enquanto as indústrias utilizam robôs na produção e o homem chega lua, pesquisa Marte e o espaço celeste, milhões de seres humanos no mundo inteiro não possuem as condições mínimas de existências vivem em condições precárias.

Isso faz parte dos grandes contrastes ou contradições da vida em sociedade. Apesar dos avanços científicos e tecnológicos que possibilitaram a automação industrial com o uso de máquinas, robôs, entre outros até mesmo a exploração

espacial os homens não conseguiram resolver questões básicas, como a fome e a miséria em que vivem milhões de seres humanos.

Nesse contexto, a estrutura administrativa passou a representar um elevado custo fixo e, devido a atividades não mecanizáveis, essa estrutura passou a ser caracterizada pela baixa produtividade. Dessa forma, além de aumentar sua participação em termos de número de funcionários, a estrutura reduziu os ganhos de produtividade de áreas operacionais. (RESENDE FILHO, 1999).

Com a introdução de linhas de montagem, eleva-se a produtividade ao minimizar o tempo de deslocamento e redução nos estoques. Muito mais importante ainda, são os ganhos dinâmicos de longo prazo, uma vez que se pode avançar com a taylorização - método de administração científica criado por Frederick W. Taylor, onde a própria linha de montagem se transforma no controlador do ritmo de trabalho. Esse cenário leva à substituição de empregados por máquinas de forma a maximizar a produtividade.

No Brasil, ao processo de industrialização foi iniciado, a partir do ano de 1930 e, com relação a Inglaterra teve um atraso de quase 150 anos. Essa diferença no tempo pesa no seu desenvolvimento, por isso ser visto como um país subdesenvolvido industrializado ou de uma industrialização recente.

Deve-se destacar que o processo de expansão industrial ocorrido no Brasil nas décadas de 40 e 50. A partir da segunda metade dos anos 50, o setor passa a consistir em uma das principais atividades da economia do país.

Os primeiros esforços para a industrialização do Brasil vêm do Império. Durante o Segundo Reinado (1840-1889), empresários brasileiros como Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, e grupos estrangeiros, principalmente ingleses, investem em estradas de ferro, estaleiros, empresas de transportes urbanos e gás, bancos e seguradoras. (FURTADO, 2003).

A política econômica privilegiava a agricultura exportadora que era beneficiada pelo investimento de parte das rendas do café e da borracha, as atividades industriais limitam-se a marcenarias, tecelagens, chapelarias, serrarias, moinhos de trigo, fiações e fábricas de bebidas e conservas. As metalurgias e fundições ainda eram consideradas 'raras' e o país importava os bens de produção e parte dos bens de consumo.

No ano de 1931, o presidente Getúlio Vargas anuncia a determinação de implantar uma "indústria de base". Com ela, o país poderia produzir insumos e equipamentos industriais e reduzir sua importação, estimulando a produção nacional de bens de consumo.

Entretanto, as medidas concretas para a industrialização, contudo, são tomadas durante o Estado Novo, em 1937.

As dificuldades causadas pela 2ª Guerra Mundial (1939-1945) ao comércio mundial favorecem essa estratégia de substituição de importações. No de 1943, é fundada no Rio de Janeiro a Fábrica Nacional de Motores e, em 1946, começa a operar o primeiro alto-forno da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, no Rio de Janeiro. A Petrobras, que detém a posse da pesquisa, da extração e de refinamento do petróleo criada em outubro de 1953.

No período de 1956 a 1961, o governo implanta uma política tarifária protecionista, visando ampliar os serviços de infra-estrutura, como transportes e fornecimento de energia elétrica, atraindo grandes investimentos de capital estrangeiro.

Com os investimentos externos que estimulava a diversificação da economia nacional, o aumento da produção nacional de insumos, das máquinas e dos equipamentos pesados para mecanização agrícola, da fabricação de fertilizantes, de frigoríficos, de transporte ferroviário e de construção naval. (COUTINHO, 1994).

No início dos anos 60, o setor industrial supera a média dos demais setores da economia brasileira e com o 'Milagre econômico', o desenvolvimento acelera-se e diversifica-se no período do chamado "milagre econômico" (1968-1974).

A disponibilidade externa de capital e a determinação dos governos militares de fazer do Brasil uma:

Potência emergente que viabiliza altos investimentos em infra-estrutura - rodovias, ferrovias, telecomunicações, portos, usinas hidrelétricas, usinas nucleares, nas indústrias de base - mineração e siderurgia, de transformação - papel, cimento, alumínio, produtos químicos, fertilizantes, equipamentos - geradores, sistemas de telefonia, máquinas, motores, turbinas, bens duráveis - veículos e eletrodomésticos e na agroindústria de alimentos - grãos, carnes, laticínios. (LORENZO, 1997, p.22)

Em meados dos anos 70, a crise do petróleo e a alta internacional nos juros desaceleram a expansão industrial. Inicia-se uma crise que leva o país, na década de 80, ao desequilíbrio do balanço de pagamentos e ao descontrole da inflação. O Brasil mergulha numa longa recessão que praticamente bloqueia a industrialização.

No início dos anos 90, a produção industrial é praticamente a mesma de dez atrás, cujos indicadores sociais eram identificados pela Sustentada na urbanização e em um modelo industrial, a modernização da economia brasileira é conservadora.

Apesar de deixar de ser apenas um país agrário, exportador de alimentos e matérias-primas, e de desenvolver uma apreciável base industrial e tecnológica, há uma grande distorção na distribuição de renda do país.

A política industrial passa a favorecer alguns setores, como os de bens de capital e bens de consumo durável. Ao mesmo tempo, concentra os investimentos nas regiões Sul e Sudeste, principalmente nos setores ligados à geração e/ou criação de empregos e com efeito multiplicador da economia.

O resultado desse processo conduziu ao alargamento das diferenças econômicas entre as regiões geográficas brasileiras e, dentro de cada região, entre as classes sociais. A situação torna-se crítica e, sobretudo, nas áreas de saúde pública, habitação, alimentação e educação que perdura até os dias atuais.

1.2. A Revolução Tecnológica

A Revolução tecnológica atual consiste em uma busca, contínua dos indivíduos da ampliação de suas capacidades intelectuais do homem são ampliadas e inclusive substituídas por autômatos, que eliminam com êxito crescente o trabalho humano na produção de serviços.

A analogia com a primeira revolução industrial está no salto qualitativo operado no desenvolvimento da tecnologia de produção que acabou de romper a continuidade dos avanços quantitativos que iam se acumulando as tecnologias existentes.

Por outro lado, a nova revolução coloca vários problemas sociais ligados a necessidade de se encontrar uma instituição que possa substituir o trabalho humano tradicional ou uma fonte de renda que permita a homem satisfazer suas necessidades materiais e preparar para uma sociedade do desenvolvimento tecnológico e para a vida democrática.

As grandes transformações tecnológicas ocorridas, a partir do século XVIII trouxeram novas concepções de vida para a sociedade. O avanço tecnológico provoca mudanças nas relações de trabalho. Entretanto, essas modificações no ambiente sócio cultural, não penetram com facilidade na estrutura da sociedade, sociedade que trabalhavam usando a prática artesanal, era substituído por uma produção industrial de grande escala destinado não só ao mercado nacional, como

também, internacional. Os desafios, os problemas e as situações dos trabalhadores aumentavam cada vez que as novas máquinas eram inventadas.

Dentro das grandes transformações tecnológicas surgem então, as propostas de uma nova educação e de uma nova escola que precisava adequar suas atividades a esse novo panorama que direcionada a colocar o mundo do trabalho dentro de suas ações e, o homem precisava da teoria associada à prática para entrar no mercado de trabalho que cada dia se tornava mais difícil e competitivo.

CAPITULO II

A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DIGITAL NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Vive-se a crise de início de século e de milênio e, se os indivíduos quiserem sobreviver a ela não podem medir esforços para a mudança drástica deste ciclo vital. O início de um novo milênio, prescindir de um pensar e de um fazer diferentes contextualizados as exigências do processo histórico atual. Daí a importância fundamental do papel da educação, pois:

O educador educa a dor da falta cognitiva e afetiva, para a construção do prazer. E a falta que nasce do desejo. Educa a aptidão da tensão da angústia de desejar. Educa a fome de desejo. (COSTA NETO, 1998, p.19)

No início do terceiro milênio, são necessários novos avanços tecnológicos, que são chamados de período do computador e de outras tecnologias como a internet, nós da a entender que se não agimos rápido ficamos para trás. A globalização e o processo que esta em mudança tanto na política, na economia, na cultura, na história e, portanto, também na educação.

Para pensar na educação do futuro é necessário refletir sobre o processo de ensino aprendizagem, na globalização e nas novas tecnologias. A Educação opera com linguagem escrita que se arrastam ao longo da humanidade e a cultura atual dominante vive empregada por uma linguagem, a da televisão e a da informática. Particularmente a da internet.

Por isso, os jovens que ainda não internalizam inteiramente essa cultura adaptam com mais facilidade que os adultos ao uso do computador que estão surgindo com essa nova cultura - a cultura digital ou tecnológica e, por isso: “[...] facilmente sucumbimos a tendência de fixação no conhecimento e no habitual medo e mobiliza os mecanismo de defesa.”. (DETHLEFSEM, 1994, p.12).

Tudo que é novo nos oferece medo, os professores estão habituado com suas práticas docentes e se vê frente de uma nova sociedade totalmente informatizada como deixar os métodos tradicionais para ensinar. A nova era do conhecimento digital?

Isso acaba criando um abismo digital, pois muitas escolas já se encontram com salas de informática. Mas cadê o profissional capacitado para ensiná-lo. Os

professores cheios de métodos e práticas tradicionais com medo de mudanças acabam ficando para trás.

2.1. As Novas Tecnologias Educacionais

As novas tecnologias só têm sentido, a partir de uma mudança da postura pedagógica do professor e com um repensar deste sobre sua própria prática, conceber que existem outras maneiras de explorar e representar o mundo.

O uso das novas tecnologias na escola, dentre essas, o computador escola envolve não somente a busca da garantia da presença desses meios em sala de aula, como também a garantia a integração desses, nos processos curriculares.

A escola deve acelerar as descobertas científicas lançando um desafio frente as novas exigências do mundo, tratando a educação e o ensino em seu sentido mais amplo.

Pode-se identificar a capacidade humana frente às novas fontes do conhecimento da eficiência e da criatividade aprendendo assim ser gradualmente livre, mas, é preciso que seja organizado um novo currículo que contemple os novos ajustes e de professores engajados na transformação social, conduzindo a educação e o ensino pela valorização da liberdade, pois:

A complexidade do ser humano está intrinsecamente ligado a aprendizagem e na contribuição desta para a formação do indivíduo por sua vez, a aprendizagem pode ser considerada como o processo pelo qual a atividade tem origem ou é modificada pela reação a uma situação encontrada. HELGARD, 1940 (Apud CAMPOS, 1991 p.15).

Por isso, o ensino na escola deve realizar-se como uma forma de vida de comunidade, onde o aluno deve aprender a resolver os problemas que enfrentará no futuro. A escola não é uma preparação para o futuro, ela é a vida tão real e vital quanto a vivida em sua casa ou em outras casas.

A escola deve ser, portanto, um ambiente de vida e de trabalho onde o aluno, através de situações de aprendizagem, experimenta a vida. Preparar para vida futura significa dar-lhe o governo de si próprio, que dar-lhe condições de adaptar sempre as novas situações, portanto a escola deve estimular a atividade do aluno para que ele “aprenda a fazer fazendo” “aprenda a viver vivendo” (DEWEY)

Segundo Dewey , o conhecimento tem valor a medida que proporciona elementos para resolver a vida pratica. Os métodos tradicionais são decorativos e expositivos e o conhecimento tem que ser adquirido através do agir, “em aspectos inovadores que o aluno deve ser preparado para a sociedade do desenvolvimento tecnológico e para a vida democrática”.

A reforma proposta carece de cuidados como a transformação mental de quem irá operar novos instrumentos técnicos e, para chegar a resultados satisfatórios em prol de um ensino de qualidade a inserção no mundo tecnológico a mudança é necessário que os professores pensem e reflitam sobre suas nas praticas e nas teorias pedagógicas existentes.

Como agir em frente as novas tecnologias existente, se quisermos partir para uma administração da educação que seja coerente com os aspectos evolutivos da sociedade e que possa dar resposta significativas sobre a sua função, o seu papel na estrutura desta complexa realidade que ai temos.Becker (1993,p.78) afirma, no entanto, que:

Quando os professores permitem que seus sentimentos e motivações mais profundas venham a tona, quando mergulham em sue próprio intimo em busca da autoconsciência, estão começando a se mover para modificarem a estrutura social. O que estamos muitos longe de presenciar, num universo de massa, contudo, a educação só cumprira seu papel transformando, todos os seus agentes, e, principalmente os professores forem transformados.

Dessa forma, o papel do professor torna se importantíssimo na vida escolar do aluno, e o futuro da humanidade depende da educação dos jovens de hoje que, possivelmente, serão profissionais da amanhã a educação em se seja a da escola ou da tecnologia não precisa passar por uma revolução nessa resolução, em primeiro lugar, e necessário que os professores sejam valorizados.

Centenas de milhões de jovens estão nas escolas em todo mundo, mas são vitimas de uma educação em crise, os professores estão se transformando em maquinas se ensinar, e o alunos fazem de conta que são maquinas de aprender.

A inclusão Digital tornou-se de grande importância dentro do processo ensino aprendizagem, pois a cada dia defrontamos com mais e mais maquinas digitais avançadíssimas, como usa lãs? As escolas precisam adequar a esse novo paradigma que e a Inclusão Tecnológica e, segundo Costa Neto (1998, p.121):

Diz o dicionário que educação é o conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espirito. Conhecimento e pratica dos usos,

dos costumes e da cultura... Diz o dicionário que ensino é: instrução, indicação, ato de instruir... Diz o dicionário que novo é: feito recente que existe há pouco. Moderno; que se vê, se faz ou se ouve pela primeira vez. Que ainda não se viu, ou principalmente, recente; incipiente. Gritam as escolas: precisamos de um novo ensino, de uma nova educação! Só não escuta quem não quer.

Essas afirmativas se constituem em um alerta geral para um princípio básico de análise aprofundada que é o ensino aprendizagem e inclusão digital numa nova sociedade na qual se encontramos hoje, o importante despertar na sociedade a vontade de não parar a vontade de aprender mais, cobrar de nossos governantes as propostas prometidas, mostrarmos a necessidade que temos de inclusão neste mundo totalmente tecnológico e globalizado.

Se analisar profundamente é possível identificar que tudo - as ciências, as tecnologias, as praticas sociais, as culturas, os costumes trafegam no mesmo barco, mas, como mudar paradigmas? Mudar é necessário e, assim, todos os educadores precisam refletir ao 'como' fazer da educação em uma forma a contextualização às mudanças ocorridas no mundo global, por meio de situações e/ou fenômenos que sintetizam a vida em sociedade.

CAPITULO III

AS POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS E AS PROPOSTA DE INCLUSÃO DIGITAL

Nas ultimas duas décadas do século XX assistiram-se a grandes mudanças tanto no campo socioeconômico e político quanto da cultura, das ciências e da tecnologia. Ainda não se tem idéia clara do que devera representar, para todos nos a globalização ou a era tecnológica criam se paradigmas não por causa do novo milênio que se inicia, mas a novos conceitos no campo do ensino aprendizagem.

Falar de perspectivas atuais da educação da era digital e também falar e discutir aspectos relativos aos valores e das praticas educacionais perpassa marcando o passado, muitos teóricos que orientam práticas poderão desaparecer, para entender o futuro primeiro precisamos revisitar e/ou relembrar o passado. O cenário da educação atual não é uma educação que queremos estamos divididos entre dois mundos. Isso são consequência da evolução das novas tecnologias.

Os sistemas educacionais ainda não conseguiram avaliar suficiente o impacto da comunicação áudio visual e da informática. A maioria das escolas ainda trabalha com recursos tradicionais para crianças e jovens.

Muitos especialistas defendem a informatização da educação afirmando que é preciso mudar os métodos de ensino, mas, para isso é preciso mudar, também, as metodologias e as linguagens, dentre essas, a linguagem eletrônica.

Há projetos de inclusão digital amplos, mas que, na maior parte das vezes não são executados. Fala-se muito que a inclusão digital e prioridade mundial, mas ainda há muitos caminhos a serem percorridos. É preciso evoluir, para que seja possível superar esses novos desafios, principalmente, a busca de uma maior e melhor preparo técnico.

Não basta ler e escrever corretamente ter diversos cursos e implantar sala de informática nas escolas e ser analfabeto tecnológico; a inclusão digital, para ensinar os alunos primeiro devemos preparar nossos educadores. Muitos projetos só mudam de nomes, falam se muito, mas nada se fazem ex: e o projeto 'Casa Brasil' que reuniam todas as iniciativas governamentais de inclusão digital circulando desde 2003 e ate hoje nada foi concretizado. (revista veja junho 2004).

A inclusão digital significa que antes de tudo, melhorar as condições de vida da sociedade, essa expressão se tornou uma sociedade dividida gerando conflito

entre a educação tradicional onde ensino apenas ler e escrever com a educação flexível onde você aprende a ser um cidadão crítico vivendo na era do conhecimento a informação utilizando os meios para sobreviver no mundo globalizado.

Apesar de viver no terceiro milênio na era digital existem, ainda, milhares de escolas que ainda não tem energia elétrica, merenda escolar e meios de transporte onde as educados utilizam para ir e vir; como exigir uma educação ou fazer desta criança um cidadão autônomo que possa viver num mundo globalizado, já que os acessos a este meio são para poucos.

Dizem que a inclusão digital e prioridade mundial, mas ainda precisamos superar os desafios técnicos, pois: “muitos projetos tem computadores lindos, quem vai ensinar para nossas crianças” (MACHADO, revista veja p.18).

Não adianta colocar computadores nas escolas ou na mão das pessoas ou vende-lo a um preço menor não é definitivamente a inclusão digital. E preciso ensinar a utilizar em beneficio próprio.

Hoje, virou moda falar sobre das evoluções tecnológicas - máquinas digitais, TVs digitais, celulares de ultimas gerações, internet etc. basta a pessoa ter um destes acessórios acham que já esta incluído na era digital.

É uma analogia errônea que irritam os especialistas, acontece como o caso de comunidades e escola que recebem computadores, salas de informática que nuca são utilizadas por falta de conexão a internet e ainda falta professores qualificadas para repassar o conhecimento necessário.

Segundo professor Adilsom Cabral (1998), não adianta apenas oferecer acesso a internet e editar texto. A gente precisa transforma a perspectivas de vida das pessoas e buscar soluções praticas que melhorem a vidas desses novos usuários.

Considerando que o acesso à tecnologia de informação não contempla toda sociedade torna se necessário criar a estratégia que propicie o acesso a forma universal, ou seja, abranger e promover a inclusão digital e a capacitação para a utilização tecnológicas de acordo com a necessidade do individuo.

A maioria dos países estão cientes quanto a gravidade da educação pois isso já vem se arrastando desde o começo da historia da humanidade, o desenvolvimento tecnológico surgiu a partir da revolução industrial que permanece ate os dias de hoje, as maquinas substitui o homem e ele sem técnicas para poder operá-las.

Segundo Renato Cruz (revista veja 2004 p.25) “ O incluído digital precisa estar capacitado para usar a tecnologia e ter uma grande educação no sentido amplo, que permita aplicá-la de forma efetiva”. Nesse sentido, a educação é o principal elemento na formação de uma sociedade fundamentada na informação, no conhecimento e no aprendizado.

A era digital chega a nossa sociedade como um desafio. Passar os sistemas educacionais ainda não conseguiu avaliar suficiente o impacto da comunicação audiovisual e da informática dentro das escolas; apesar de o acesso a esses mecanismos está ficando cada dia mais difícil, pois, a falta de formação técnicas dos professores, a falta energia elétrica nas escolas, principalmente na zona rural, acaba criando um grande impacto social via inclusão digital.

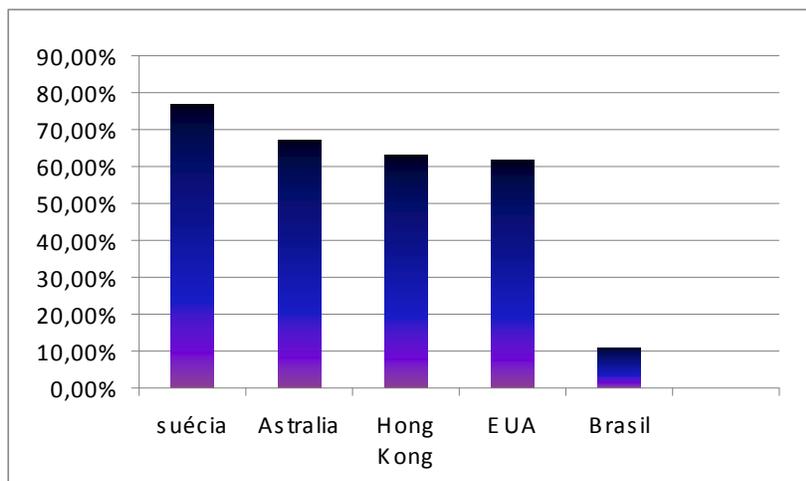
Desse modo, o momento atual caracteriza-se por grandes tecnologias que geram mudanças em todos as áreas de atuação do conhecimento humano e por isso, o cenário mundial exige uma nova educação a esse ser humano e uma nova base de valores; um homem consiste da sua historicidade, do seu compromisso social, da necessidade do seu conhecimento de aprender sempre mais.

A exclusão digital é diretamente proporcional á falta de inclusão social. Com um agravamento a revolução tecnológica tende a aprofundar o fosso que separa quem domina a nova linguagem, e quem não a sabe usar, praticamente condenando estes ultima a não sair do lugar em que se encontram. O analfabetismo digital na nova economia é tão grave quanto não saber ler e escrever eram a velha economia.

Na nova LDB nº 9.3964/96 e as necessidades educativas especiais afirmam que: “A inclusão educacional não pode ser entendida como o simples ato de aceitação da matricula de um educando na escola regular” , conforme preceitua a referida lei que estabeleceu as diretrizes de base educacional.

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e nas organizações de uma sociedade civil e privada. Embora haja motivos para preocupação, o Brasil tem avançado para superar a exclusão digital, com apoio decisivo também de iniciativas privadas. Mas, ainda: “[...]é possível encontra milhões de pessoas que são excluídas dessa inclusão, basta observar os dados da revista veja 2004.

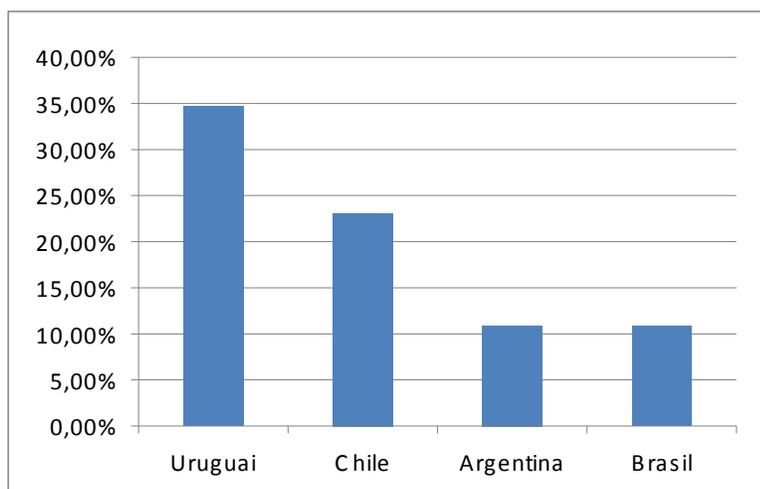
O Brasil ocupa 60ª lugar, com apenas 10,8% de internautas, como demonstra o quadro a seguir :



FONTE: World statistics (junho 2004)

Em relação à América do sul o Brasil ocupa o quinto lugar na tabela.

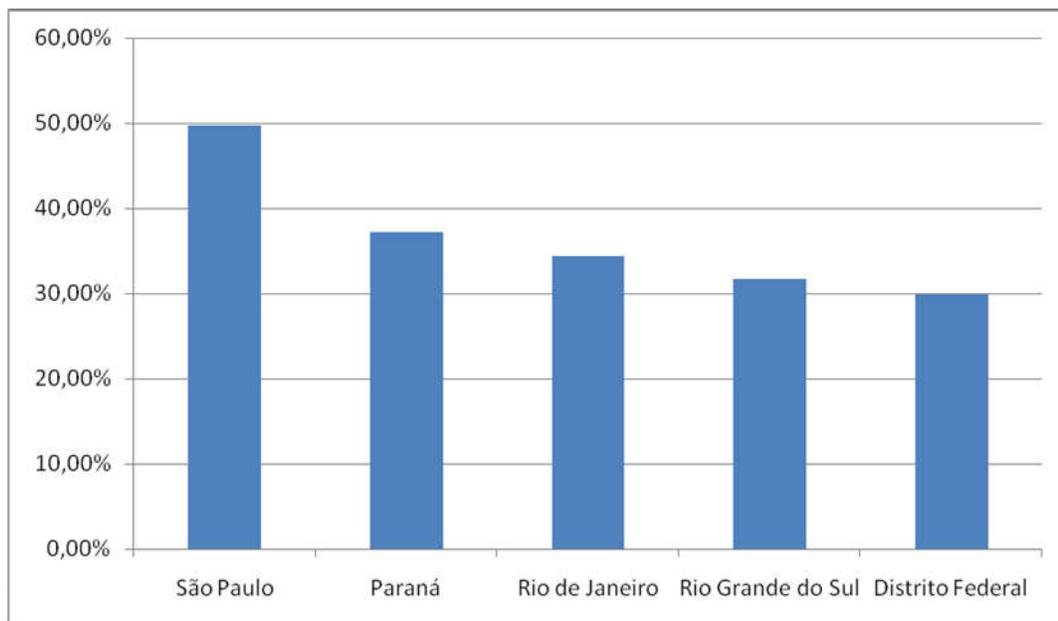
INTERNAUTAS NA AMÉRICA DO SUL



FONTE: World statistics (junho 2004)

Confira os estados brasileiros que estão fazendo a lição de casa veja a classificação:

QUEM MAIS INCLUI NOS ESTADOS BRASILEIROS



Fonte: Mapa da Exclusão digital Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas (junho/2004 .

Esses dados conduzem à confirmação de que a exclusão digital ainda está presente tão no Brasil quanto no cenário mundial.

O presidente do grupo telefônica no Brasil Fernando Xavier Teixeira explica:

A inclusão digital é peça fundamental do projeto, mais amplo de ações de responsabilidades sociais do conglomerado de empresas. Em vez de apenas financiar iniciativas, criamos uma fundação para implementar ações que utilizam as modernas ferramentas de tecnologia para combater a exclusão digital.

Para ele não basta apenas usar o computador com acesso a internet. As empresas governos precisam criar infra-estrutura sobre qual se vai erguer o edifício e preciso criar conteúdos, promover a capacitação dos agentes envolvidos na ação e preciso desenvolver projetos que permitam aproveitar de forma produtiva. A infra-estrutura e o conteúdo de capacitação, afinal, não se fazem inclusão sem informação de qualidade. Esse conjunto de ações de inclusão digital, se bem realizado, terá como resultado a inclusão social. Este é o objetivo de quem combate a exclusão.

Projetos e mais projetos tramitam o espaço escolar, como por exemplo, o projeto Promix do município Pirenópolis, em Goiás criado em 2006, com o objetivo de atender os alunos da zona rural e implantado, também, em alguns povoados como em (povoado de Goianópolis), nem sempre aberto para a comunidade. O do (povoado Placa Vicentina), encontra com as portas fechadas.

Assim, governantes do município diz que estamos fazendo a inclusão digital de forma acelerada e nesse direcionamento pode-se afirmar que a inclusão digital e proposta de política de inclusão no cenário mundial, nacional e municipal não andam tão satisfatórias, apesar de inúmeros projetos, a exclusão digital ainda é maior.

Faz-se necessário que de os indivíduos agirem, de forma rápida e 'cobrem' dos governantes, as propostas feitas os projetos inacabados, pois se não vivenciarem e se adequarem às inovações implementadas no terceiro milênio, esses estará 'fora' do mundo globalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quaisquer estudos que pretende se aprofundar sobre chegada das novas tecnologias na educação deve ir além da observação do paradigma do uso do computador como mera peça do adorno ou da inclusão digital. Deve refletir que a questão informática na educação vai além de discutir este ou aquela inclusão digital em si, e chegar a como ela pode ser usada para auxiliar nos projetos de mudanças na prática pedagógica.

O crescimento da informática exerce grande impacto na vida da sociedade moderna. Vários setores como o produtivo, o industrial, o financeiro, da pesquisa científica, das comunicações etc. agora e a vez do setor educacional dar seu salto olímpico e ingressar no futuro. Se por um lado suscita a curiosidade dos alunos, e o fascínio e o interesse pela informática por outro lado apavoram o professor mantido nos moldes tradicionais de metodologias e uso de recursos empregados durante seu percurso profissional.

Assim sendo, justifica-se em estudo acerca do tema Inclusão Digital e social entre alunos e professores do ensino fundamental diante da realidade que se constata na sociedade atual que conduzem necessariamente a discussão para este assunto, haja vista o processo inclusivo de toda a sociedade exclusiva no discurso democrático sobre o uso do computador na educação.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do trabalho. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

Banco mundial. **Relatório sobre o desenvolvimento mundial** 1994. Infra estrutura para o desenvolvimento. Fundação Getulio Vargas.

CAMPOS DENAH; Martins de Sousa. **Psicologia da Aprendizagem**. 22 ed. Petrópolis vozes 1991.

COUTINHO, L.; FERRAZ, J.C. (Coords). **Estudo da competitividade da Indústria Brasileira**. São Paulo: Campinas: Papyrus, 1994.

COLTRIM. Gilberto. **Historia e reflexão**, CONSTUINDO CONSIENCIAS GEOGRAFICA; Valquiria Peres e Beluce

Autor, texto. In:REVISTA ÉPOCA;junho de 2004, p.....

CURRY AUGUSTO; PAIS BRILHANTE E PROFESSORES FASCINANTE.

DETHLEDSEM. T. **O Desafio do destino**.

FURTADO, Celso. **Raízes do subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

GODOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação** Porto Alegre. Artes Médicas; 2000.

Historia. **Uma nova abordagem Integrada**; Nicolina Luiza de prata; Eduardo aparecio Baez Ojeda; Luciano Delfine; Volume único.

LORENZO, Helena Carvalho de; Costa, Wilma Peres (Orgs). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

NETO, ANTONIO DA COSTA. **Paradigmas em educação no novo milênio**. **Brasilia, 1998**.

RESENDE FILHO, Cyro de Barros. **História Econômica Geral**. 4.ed. São Paulo: Contexto, 1999.